

SERMÕES

VOL. 2

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Bernardo, de Claraval, Santo, 1090 ou 91-1153

Sermões : vol. 14/2 / Bernardo de Claraval ; tradução de Luiz Fernando Dias Pita. -
São Paulo : Paulus, 2026.

(Coleção Clássicos do Cristianismo)

ISBN 978-85-349-6544-6

Título original: *Sancti Bernardi Abbatis Claraevallensis Sermones*

1. Igreja Católica - Sermões 2. Santos cristãos I. Título II. Pita, Luiz Fernando Dias
III. Série

26-2985

CDD 252

Índice para catálogo sistemático:

1. Igreja Católica - Sermões

SÃO BERNARDO DE CLARAVAL

Tradução

Luiz Fernando Dias Pita

SERMÕES VOL. 2



PAULUS

Todos os direitos reservados pela Paulus Editora. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

Título original: *Sancti Bernardi Abbatis Claraevallensis Sermones*

Direção editorial

Pe. Jakson Ferreira de Alencar

Gerência editorial

Elisa Zuigeber

Revisão

Tiago José Risi Leme

Darlei Zanon

Lucas Giron

Design

Julia Ahmed

Imagem de capa

Getty Images

Impressão e acabamento

PAULUS

1ª edição, 2026



Conheça o catálogo PAULUS
acessando: paulus.com.br/loja,
ou pelo QR Code.
Tele vendas: (11) 3789-4000 /
0800 016 40 11

© PAULUS - 2026

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091
São Paulo (Brasil)
Tel.: (11) 5087-3700
paulus.com.br • editorial@paulus.com.br
ISBN 978-85-349-6544-6

ÍNDICE

11 APRESENTAÇÃO

Tiago José Risí Leme

11 1. Aspectos biográficos e contexto histórico

15 *São Bernardo e a sociedade de seu tempo*

18 2. O pensamento de São Bernardo

19 *Uma mudança de mentalidade e, por assim dizer, a consolidação da mística ocidental*

24 3. Breve consideração sobre os **Sermões** de São Bernardo

27 *Duas chaves de leitura fundamentais para a obra de São Bernardo*

29 PELO ANIVERSÁRIO DE SÃO BENTO

39 NA ANUNCIAÇÃO DO SENHOR

39 Sermão primeiro | Sobre o verso do Salmo:

“Sua glória retornará à nossa terra”

50 Sermão primeiro (2ª versão) | Sobre o verso do Salmo:

“Sua glória retornará à nossa terra”

58 Sermão segundo | Sobre o Espírito septiforme

63 Sermão terceiro | Sobre a adúltera, Susana e Maria

73 NOS RAMOS DAS PALMEIRAS

73 Sermão primeiro | Sobre a procissão e a Paixão

76 Sermão segundo | Sobre a Paixão e a procissão, e das quatro ordens da procissão

82 Sermão terceiro | Sobre os cinco dias: o da Procissão, o da Ceia, o da Paixão, o do Repouso e o da Ressurreição

87 QUARTA-FEIRA DA SEMANA SANTA

87 Sobre a Paixão do Senhor

101 QUINTA-FEIRA DA SEMANA SANTA: CEIA DO SENHOR

101 Sobre o batismo, a consagração do altar e a lavagem dos pés

107 NA RESSURREIÇÃO DO SENHOR

- 107 Sermão primeiro | Sobre o ultraje dos judeus
- 123 Sermão primeiro (2ª versão)
- 132 Sermão segundo | No santo dia da Páscoa, sobre a lição do Evangelho: Maria Madalena e outras mulheres
- 140 Sermão terceiro | Sobre a lepra de Naamã
- 146 Sermão quarto | No dia da Ressurreição, e sobre como, para alguns, Cristo ainda nem nasceu

149 NA OITAVA DA PÁSCOA

- 149 Sermão primeiro | Sobre os ensinamentos da epístola de São João
- 155 Sermão segundo | Sobre as palavras dos mesmos ensinamentos: “São três os que dão testemunho no Céu” (1Jo 5,7)

159 NAS SÚPLICAS

- 159 Sobre os três pães

161 NA ASCENSÃO DO SENHOR

- 161 Sermão primeiro | Sobre o ensinamento do Evangelho
- 164 Sermão segundo | Sobre como ascendeu acima de todos os céus, para que se cumprissem todas as coisas
- 169 Sermão terceiro | Sobre o intelecto e o afeto
- 176 Sermão quarto | Sobre as diversas ascensões
- 187 Sermão quinto | Sobre a magnanimidade, a longanimidade e a unanimidade
- 189 Sermão sexto | Sobre a inteligência e a vontade

201 NO DIA DE PENTECOSTES

- 201 Sermão primeiro | Sobre o Espírito Santo, e como triplamente opera em nós
- 206 Sermão segundo | Das ações da Trindade sobre nós, da dedicação do Filho e da tríplice graça do Espírito Santo
- 212 Sermão terceiro | Ainda na mesma solenidade

221 NO NASCIMENTO DE SÃO JOÃO BATISTA

- 221 Sobre a lâmpada ardente e brilhante

231 NA VIGÍLIA DOS APÓSTOLOS PEDRO E PAULO

231 Sobre o tríplice auxílio que recebemos dos santos

235 NA SOLENIDADE DOS APÓSTOLOS PEDRO E PAULO

235 Sermão primeiro

239 Sermão segundo

245 Sermão terceiro | Daquela lição do livro da Sabedoria:
“Os primeiros são homens de misericórdia”

251 QUARTO DOMINGO APÓS O PENTECOSTES

251 Sobre Davi e Golias, e as cinco pedras

257 SEXTO DOMINGO APÓS O PENTECOSTES

257 Sermão primeiro | Sobre a lição do Evangelho em que
uma multidão é alimentada por três dias com os sete
pães que trouxe o Senhor (Mc 8,1-9)

260 Sermão segundo | Sobre os sete fragmentos
da misericórdia

265 Sermão terceiro | Sobre a elevação e o abaixamento
do coração, por ocasião do sermão precedente

269 DURANTE A COLHEITA

269 Sermão primeiro | Como um duplo mal se transforma
em um bem

271 Sermão segundo | Sobre as duas mesas

274 Sermão terceiro | “Tal é a geração dos que o procuram,
dos que buscam a face do Deus de Jacó” (Sl 23/22,6)

283 NA ASSUNÇÃO DA VIRGEM MARIA

283 Sermão primeiro | Da dupla assunção

286 Sermão segundo | Sobre a casa a ser purificada,
enfeitada, preenchida

293 Sermão terceiro | Sobre Maria, Marta e Lázaro

299 Sermão quarto | Sobre os quatro dias de Lázaro
e o arauto da Virgem

307 Sermão quinto | Que continua o anterior

319 Sermão sexto | Sobre as três coisas em que Maria
é “cheia de graça”

321 PARA O DOMINGO NA OITAVA DA ASSUNÇÃO

- 321 Sobre as palavras do Apocalipse:
"Apareceu em seguida um grande sinal no céu: uma Mulher revestida do sol, a lua debaixo dos seus pés e na cabeça uma coroa de doze estrelas" (Ap 12,1)

337 NA NATIVIDADE DA VIRGEM MARIA

- 337 Sobre o aqueduto

353 SERMÃO AOS ABADES

- 353 Sobre como Noé, Daniel e Jó atravessam o mar, cada um ao seu modo: em navio, pela ponte e a vau

359 NA FESTA DE SÃO MIGUEL

- 359 Sermão primeiro | Sobre a tripla razão pela qual os anjos são atentos para conosco
- 364 Sermão segundo | Sobre as palavras do Senhor: "Se alguém fizer cair em pecado um destes pequenos..." (Mt 18,6)
- 368 Sermão segundo (2ª versão) | Sobre as palavras do Senhor: "Se alguém fizer cair em pecado um destes pequenos..." (Mt 18,6)

371 NO PRIMEIRO DOMINGO DE NOVEMBRO

- 371 Sermão primeiro | Sobre a visão de Isaías
- 373 Sermão segundo
- 377 Sermão terceiro
- 381 Sermão quarto
- 385 Sermão quinto

397 NA FESTA DE TODOS OS SANTOS

- 397 Sermão primeiro | Sobre a passagem do Evangelho: "Vendo aquelas multidões, Jesus subiu à montanha" (Mt 5,1)
- 412 Sermão segundo | Sobre o estado dos santos antes da ressurreição
- 418 Sermão terceiro | Sobre como serão sem máculas ou rugas
- 423 Sermão quarto | Sobre o seio de Abraão, o altar sob o qual São João ouviu as almas dos santos, e sobre os sete pães dos quais se lê que restaram sete cestos
- 429 Sermão quinto | Sobre a utilidade de sua memória

441 NA DEDICAÇÃO DE UMA IGREJA

- 441 Sermão primeiro | Sobre os cinco sacramentos da dedicação
- 446 Sermão segundo | Como devemos ser unidos, tanto conosco quanto com os outros
- 449 Sermão terceiro | Sobre o tríplice aparato que temos para a proteção de Deus
- 453 Sermão quarto | Sobre a tríplice mansão
- 459 Sermão quinto | Sobre a dupla consideração sobre si
- 468 Sermão sexto | Sobre a palavra de Jacó:
“Em verdade, o Senhor está neste lugar!”

471 NA FESTA DE SÃO MARTINHO BISPO

- 471 Sobre os exemplos da obediência

487 NO ANIVERSÁRIO DE SÃO CLEMENTE

- 487 Sobre as três águas

493 NA MORTE DO SANTO BISPO MALAQUIAS

501 NA VIGÍLIA DE SANTO ANDRÉ APÓSTOLO

- 501 De que modo deveríamos colocar as festas dos santos à frente dos jejuns

505 NA FESTA DE SANTO ANDRÉ

- 505 Sermão primeiro | Sobre os peixes puros
- 512 Sermão segundo | Sobre as quatro pontas da cruz

521 PELA MORTE DE DOM HUMBERTO

APRESENTAÇÃO

TIAGO JOSÉ RISI LEME

1. Aspectos biográficos e contexto histórico

São Bernardo de Claraval nasceu em Fontaines (França), em 1090, numa família numerosa e abastada,¹ sendo o terceiro de sete irmãos. Seu pai era vassalo do duque de Borgonha, Eudes I. Durante a juventude, recebeu uma formação em artes liberais (gramática, retórica e dialética) junto aos cônegos da igreja de Saint-Vorles, em Châtillon-sur-Seine. No início da idade adulta, com um grupo de companheiros, ingressou no mosteiro de Cister (Cîteaux, em francês), do qual deriva o nome de cisterciense, fundado alguns anos antes por São Roberto de Molesme (em 1098) e que tinha como abade, na época, Santo Estêvão Harding. Em 1115, acompanhado por outros doze companheiros – alguns dos quais eram seus parentes próximos, como um tio, um primo e quatro irmãos –, foi transferido para a diocese de Langres, na região de Champagne, onde fundou o mosteiro de Claraval (Clairvaux, em francês, em um vale de mesmo nome). Com a aprovação do bispo Guillaume de Champeaux, rapidamente a abadia de Clairvaux floresceu, dando origem a outros mosteiros, como aqueles de Trois-Fontaines, Fontenay, Foigny, Autun e Laon.

Étienne Gilson, em seu clássico *A teologia mística de São Bernardo*,² assim se refere aos primórdios da Ordem cisterciense, notadamente ao evento histórico da chegada de São Bernardo e seus companheiros a Cister, num contexto que ele também

1 Cf. Bento XVI, São Bernardo de Claraval, Audiência geral, Roma, 21 de outubro de 2009. Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/it/audiences/2009/documents/hf_ben-xvi_aud_20091021.html.

2 Em tradução nossa, publicada pela Paulus na coleção *Amantes do mistério*, em 2016.

identifica com aquilo que viria a ser chamado de Renascimento do século XII:³

Em 1112, o jovem Bernardo, acompanhado por quatro de seus irmãos e por aproximadamente vinte de seus amigos, entrava na abadia de Cîteaux [Cister]. Esses recrutas inesperados entregaram a vida por uma reforma monástica que corria o risco de perecer por inanição. Os fatos são conhecidos, quanto ao essencial, e não precisamos contá-los mais uma vez, mas é importante saber o que esses jovens esperavam de Cister e o que haveriam de encontrar ao ingressar ali. Sem sabê-lo, a própria existência da ascética e da mística cistercienses não poderia ser explicada.⁴

De fato, Bernardo era um homem de vida interior, que buscava, no silêncio da clausura, a possibilidade de entregar-se a uma atividade de intensa e profunda contemplação do mistério de Deus.⁵ Contudo, assim como a Santo Agostinho, Deus o chamou à ação, fazendo dele um protagonista de primeira grandeza em sua época, nos âmbitos eclesial, teológico, espiritual e político. Foi sobretudo por meio da comunicação

3 “Esse século, o próprio século de São Bernardo [...], foi, em muitos aspectos, uma era de vida saudável e vigorosa. Época das cruzadas, do nascimento das cidades e dos primeiros Estados burocráticos do Ocidente, viu a arte românica alcançar seu apogeu e surgir a arte gótica; o nascimento das literaturas em língua vulgar; a ressurreição dos clássicos latinos, da poesia latina e do Direito romano; a redescoberta da ciência grega, com o que os árabes lhe acrescentaram, e de grande parte da filosofia grega, e o começo das primeiras universidades europeias. O século XII deixou sua marca no ensino superior, na filosofia escolástica, nos sistemas jurídicos da Europa, na arquitetura e escultura, no drama litúrgico, na poesia de língua latina e de língua vulgar. Tal assunto é demasiado vasto para um único volume ou para um único autor” (C. H. HASKINS, *The Renaissance of the Twelfth Century*, Cambridge: Harvard University Press, 1927, p. VIII-IX. – G. PARÉ, A. BRUNET e P. TREMBLAY, *La Renaissance du XII^e siècle. Les écoles et l’enseignement*, Paris: J. Vrin, 1933. – M. BLOCH, *Les caractères originaux de l’histoire rurale française*, Paris: Les Belles-Lettres, 1931, p. 17, *apud* Étienne Gilson, *A teologia mística de São Bernardo*, São Paulo: Paulus, 2016, cap. 1).

4 Étienne Gilson, *op. cit.*, cap. 1.

5 Cf. Giulio Piacentini, “San Bernardo di Clairvaux, contemplazione e azione”, *Rivista online di ricerca storica, letteratura e arte*, n. 10/2009, p. 1. Disponível em: <http://www.diesse.org/cm-files/2009/10/02/4059.pdf>.

epistolar que ele pôde relacionar-se com as principais personalidades de seu tempo, tratando dos mais variados assuntos, sem, porém, perder de vista aquilo que para ele constitui a essência e o sentido da vida humana: Deus, a quem o homem deve buscar com todas as forças e potencialidades de sua vontade, de seu intelecto e de seu amor.

A biografia de São Bernardo é indissociável da história da Ordem cisterciense, que surgiu como parte de um movimento de renovação e de reforma da vida monástica e que teve origem no final do século XI, constituindo-se como alternativa a outro movimento monástico já estabelecido e consolidado na época, qual seja, aquele liderado pela poderosa e imponente abadia de Cluny,⁶ também esta fundada num impulso de renovação e de resgate dos valores genuínos da vida monástica, mas que já se encontrava em decadência moral no século XI. De fato, Cluny havia adotado a *Regra de São Bento* e, no intuito de servir plenamente ao Evangelho e de viver exclusivamente da oração, abandonou o trabalho manual como meio de subsistência, acolhendo doações. Com o tempo, Cluny tornou-se rica e poderosa, prendendo-se a um vínculo que seus fundadores haviam contestado: um poder político e econômico imenso, difícil – para não dizer impossível – de conciliar com a dedicação exclusiva ao Evangelho e à contemplação. A Ordem cisterciense também adotou a *Regra de São Bento*, mas tomou a precaução de fazê-lo *sine glossa* [sem acréscimos], isto é, de modo incondicional, como mais tarde faria São Francisco de Assis ao adotar o Evangelho como regra de vida para a Ordem dos Frades Menores.⁷ A oração e o trabalho [*ora et labora*], dois pilares da *Regra de São Bento*, foram priorizados pelos cistercienses desde a fundação dos primeiros

6 Fundada em 910, na Borgonha, por Bernon de Cluny (850-927), com a intenção de purificar a Igreja da corrupção moral e política, relativa, desde o Império de Carlos Magno, aos interesses do Império e da nobreza. Cf. Giulio Piacentini, *op. cit.*, p. 2.

7 *Ibid.*

mosteiros, que eles mesmos construíam em regiões inóspitas, lugares que precisavam ser “cultivados” e, por conseguinte, eram oportunos ao trabalho manual.

Em sua *Carta 142*, São Bernardo sintetiza da seguinte maneira o espírito da vida monástica na Ordem cisterciense:

Nossa Ordem é mortificação, humildade, pobreza voluntária, obediência, paz, alegria no Espírito Santo. Nossa Ordem significa estar sob um mestre, um abade, uma regra, uma disciplina [...]. Consiste em exercitar o silêncio, praticar o jejum, a vigília, a oração, o trabalho manual e, sobretudo, a caridade. E, ainda, em progredir, cada dia, nessas atividades e perseverar nelas até o último dia.⁸

Trata-se de uma vida inspirada e fundamentada na encarnação de Cristo, que se esvaziou de sua divindade, tornando-se pobre, casto e obediente até a morte, de modo que a obediência do monge ao abade se espelha na obediência de Cristo ao Pai. Para São Bernardo, a vida monástica constitui também uma antecipação da glória celeste e do final dos tempos. No entanto, o monge, enquanto vive neste mundo, se encontra ainda a caminho, na busca incessante desse fim último, que será a Jerusalém celeste, para a qual necessita exercitar-se, como numa corrida. É aqui que lança raízes a teologia mística de São Bernardo, da qual seus *Sermões* são o desdobramento principal. Essa teologia mística

prevê leitura atenta e assimilação profunda, intelectual e, sobretudo, psicológica da Bíblia. Na teologia monástica, parte-se da Bíblia não apenas para refletir sobre o mistério de Deus, mas, sobretudo, para fazer uma experiência concreta de tal mistério, para saborear (*sapere*) a presença real de Deus Uno

8 *Carta 142.1*. Traduzida em italiano em: M. Meschini (org.), *San Bernardo, renovator seculi*, Milão: Jaca Book, 2004, *apud* Piacentini, *op. cit.*, p. 2.

e Trino em toda criatura, em toda experiência e, sobretudo, na própria alma: em particular, a alma (a esposa do Cântico dos cânticos) é chamada a conformar-se, o máximo possível, com a ajuda do Espírito Santo, a Cristo (o Esposo).⁹

São Bernardo e a sociedade de seu tempo

Bernardo teve uma atuação importante durante o cisma de 1130-1138, em que o papa Inocêncio II (1130-1143) viu-se confrontado por dois antipapas: Anacleto II (1130-1137) e Vitório IV (1138). Bernardo viajou à Itália para defender Inocêncio II e sua intervenção foi exitosa. De acordo com a tradição hagiográfica, tal êxito se explica por seu carisma, simplicidade e humildade, respaldados por milagres e fatos extraordinários.¹⁰ Do ponto de vista histórico, a influência de Bernardo se deve também ao prestígio alcançado pela Ordem cisterciense junto às autoridades eclesiásticas, pelo fato de ela ter recusado, desde seus primórdios, o privilégio da isenção monástica, do qual gozava, por exemplo, a abadia de Cluny.¹¹ Tanto é que, pouco tempo depois, um cisterciense discípulo de Bernardo se tornaria o papa Eugênio III (1145-1153), para o qual Bernardo escreveu um tratado sobre o primado de Pedro no colégio apostólico e sobre o ministério papal, o *De consideratione*, no qual ele apresenta os elementos necessários para se fazer um bom papa.¹²

Em 1140 ou 1141, Bernardo participou do Concílio de Sens, no qual foram condenadas as teses de Pedro Abelardo. De fato, foi sobretudo o método de Pedro Abelardo que Bernardo condenou, considerando-o perigoso ao aplicar as regras da lógica e, principalmente, da dialética ao estudo da teologia e,

9 Piacentini, *op. cit.*, p. 4-5.

10 Cf. J. Leclercq, *S. Bernardo. La vita*, Milão: Jaca Book, 1989.

11 Tal privilégio permitia que a abadia de Cluny estivesse unicamente sob a autoridade do papa, e não do bispo local. Cf. Piacentini, *op. cit.*, p. 2.

12 Cf. Bento XVI, *op. cit.*